



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

TERESA CLARA FELISMINO LANDIM

**A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO, E COMO
FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO CULTURAL NA CIDADE DE
FORTALEZA**

FORTALEZA

2019

TERESA CLARA FELISMINO LANDIM

A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO, E COMO FERRAMENTA DE
PRESERVAÇÃO CULTURAL NA CIDADE DE FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L246f Landim, Teresa Clara Felismino.

A Fotografia como Fonte de Informação, e como Ferramenta de Preservação Cultural na Cidade de Fortaleza / Teresa Clara Felismino Landim. – 2019.
55 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

1. Preservação da Cultura. 2. Fotografias. 3. Memória Regional. I. Título.

CDD 020

TERESA CLARA FELISMINO LANDIM

A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO, E COMO FERRAMENTA DE
PRESERVAÇÃO CULTURAL NA CIDADE DE FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia do Departamento de Ciências
da Informação da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Biblioteconomia

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Lídia Eugênia Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Deus e à minha família, que nos momentos mais importantes sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que através de sua graça permitiu-me ter sucesso em meus objetivos, e por sua providência a qual ajudou-me a superar os desafios nos momentos de dificuldade.

À Universidade Federal do Ceará, pelo imenso apoio prestado em minha caminhada como estudante.

À minha família, que através de seu amor, forneceu-me as bases necessárias para olhar o futuro com confiança, e concedeu-me as ferramentas para trilhar em paz o caminho dos estudos.

Ao meu orientador, professor Jefferson Veras, pela disposição em auxiliar-me com esse trabalho, e pela ajuda prestada no tão decisivo momento de encerramento do curso.

Aos professores Lídia Eugênia e Tadeu Feitosa, por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

A todos os professores e funcionários que fazem parte do Departamento de Ciência da Informação, que me apoiaram e fizeram parte da minha vida de estudante.

“O que eu mais gosto das fotografias antigas é que todas elas, sem exceção, contam uma história.” (Eliane Terrataca)

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar a fotografia como fonte de informação, a fim de investigar a possibilidade de seu uso enquanto instrumento de preservação cultural na cidade de Fortaleza. A importância da pesquisa justifica-se, do ponto de vista de seu escopo social, como meio de contribuir com a população da cidade ao estimular a conservação de sua memória cultural. Já pelo viés científico, o intuito é incentivar o uso de fotografias para a construção do conhecimento, como forma de suprir as dificuldades muitas vezes encontradas na expressão por meio verbal e escrito. A fundamentação teórica abrange o conceito de fonte de informação, além de apresentar também alguns aspectos históricos da fotografia, no intuito de expor a forma com que essa ferramenta vem sendo percebida perante a sociedade ao longo dos anos. Quanto a metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, feita a partir de dados secundários. Realizou-se uma busca por imagens que retratem a cidade de Fortaleza ao decorrer do século XX, utilizando como critério de seleção a exposição dos pontos turísticos da capital. Chegou-se a um total de 10 imagens que foram coletadas da página “Fortaleza Antiga”, na rede social *Facebook*, e analisadas tendo por base o método iconográfico/iconológico de Erwin Panofsky. O resultado do estudo apontou que a fotografia configura uma fonte de informação que é sim capaz de atuar como ferramenta de preservação cultural, pois ao registrar momentos passados, permite a preservação da cultura e do patrimônio de um lugar, mesmo que as práticas culturais deixem de existir, além de criarem uma base para comparações entre o passado e o presente, fomentando considerações e debates a respeito da conservação do patrimônio cultural.

Palavras-chave: Preservação da Cultura, Fotografias, Memória Regional.

ABSTRACT

The main objective of this work is analyze the photography as a source of information, in order to investigate the possibility of its use as an instrument of cultural preservation in the city of Fortaleza. The importance of research is justified, from the point of view of its social scope, as a means of contributing to the city's population by stimulating the conservation of their cultural memory. By the scientific bias, the intention is to encourage the use of photographs for the construction of knowledge, as a way to overcome the difficulties often found in expression through verbal and written. The theoretical basis covers the concept of source of information, and also presents some historical aspects of photography, in order to expose the way, this tool has been perceived before society over the years. As for the methodology, it is a qualitative, descriptive research, made from secondary data. A search was made for images that portray the city of Fortaleza during the twentieth century, using as a selection criterion the exhibition of sights of the capital. A total of 10 images, that were collected through the "Fortaleza Antiga" page on the social network Facebook were analyzed based on Erwin Panofsky's iconographic / iconological method. The result of the study pointed out that photography configures a source of information that is capable of acting as a tool for cultural preservation, because by recording past moments, allow the preservation of the culture and heritage of a place, even if cultural practices cease to exist, and create a basis for comparisons between past and present, fostering considerations and debates about the conservation of cultural heritage.

Keywords: Preservation of Culture, Photographs, Regional Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Daguerreótipo	17
Figura 2 – Laboratório Móvel do fotógrafo J. Laurent em 1872, em Valladolid – Espanha....	18
Figura 3 – Pai e mãe tiram foto ao lado de filha recém falecida	19
Figura 4 – Kodak nº. 1: “primeira câmera para consumidores comuns”	20
Figura 5 – Sony Mavica, a primeira câmera digital	21
Figura 6 – Sharp J-SH04, primeiro celular com câmera integrada	21
Figura 7 – Teatro José de Alencar, 1910.....	33
Figura 8 – Catedral, 1914	35
Figura 9 – Passeio Público, 1918.	36
Figura 10 – Praça do Ferreira, 1935	38
Figura 11 – Cine São Luiz, 1958.....	40
Figura 12 – Forte de Nossa Senhora da Assunção, 1962	42
Figura 13 – Praia Beira-Mar, década de 60	43
Figura 14 – Arena Castelão, 1973.	45
Figura 15 – Parque do Cocó, década de 80	46
Figura 16 – Mercado Central, 1998.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO.....	15
2.1 Aspectos históricos da fotografia.....	16
2.2 A fotografia enquanto elemento simbólico e representacional.....	22
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA.....	25
3.1 Memória e Patrimônio Cultural.....	25
3.2 Caráter subjetivo da fotografia.....	27
4 METODOLOGIA.....	30
5 FORTALEZA ANTIGA: A HISTÓRIA CONTADA PELA INTERNET.....	33
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Dentre as funcionalidades da biblioteca, inclui-se a apropriação de seu espaço como um local voltado à preservação da memória e da cultura. Conseqüentemente, o bibliotecário assume o papel de agente cultural, que tem como atribuição colaborar com o processo de construção social da realidade.

Para tanto, existem várias fontes de informação que podem ser utilizadas nesse sentido, cabendo ao profissional identifica-las e geri-las de forma com que possam suprir as aspirações culturais dos usuários.

A partir daí, o tema central do presente trabalho versa sobre a utilização de fotografias como forma de preservação da cultura, e busca responder a seguinte questão: **“As fotografias mostram-se um meio eficaz de promover a preservação cultural?”**

Sendo assim, foi determinado como objetivo geral do trabalho: analisar a fotografia como fonte de informação e como ferramenta de preservação cultural na cidade de Fortaleza, e como objetivos específicos: a) Abordar a fotografia como fonte de informação, retratando seus aspectos históricos, a fim de compreender de que maneira a mesma pode expor questões sociais e culturais; b) Identificar, através de fotografias dos principais pontos turísticos da cidade de Fortaleza no século XX, indícios que permitam investigar aspectos da vida cotidiana dos cidadãos da época, c) Analisar a paisagem urbana do passado em relação com a atual, no intuito de observar as mudanças ocorridas na sociedade com o passar do tempo, e a maneira com que os espaços da cidade vem sendo zelados.

Desse modo, a pesquisa encontra-se dividida em quatro capítulos: O primeiro, é responsável por uma análise da fotografia como fonte de informação, apresentando seus aspectos históricos e trazendo considerações acerca de sua função simbólica e representacional.

O segundo, traz uma contextualização da fotografia no processo de preservação da cultura, abordando os conceitos de memória e patrimônio cultural, e levantando reflexões acerca do caráter subjetivo do objeto;

O terceiro, é responsável pela apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. E o quarto, destina-se às análises. Na conclusão fez-se um apanhado geral sobre o desenvolvimento do trabalho e da análise, além de considerações a respeito da relevância do tema no âmbito da biblioteconomia.

2 A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo abordar a fotografia como fonte de informação. Para isso, recorre aos seus aspectos históricos de modo a compreendê-la também enquanto elemento simbólico e representacional. Nesse sentido, a discussão que se trava aqui está apoiada nos autores Rodrigues & Blattmann, Lakatos & Marconi, e Lifton & Olson, e nos conceitos de fonte de informação e imortalidade simbólica.

Segundo Rodrigues & Blattmann (2014, p.15), fonte de informação pode ser definida como “qualquer meio que responda adequadamente às necessidades informacionais dos indivíduos”. Necessidades informacionais por sua vez, definem-se como sendo experiências subjetivas que ocorrem na mente de cada pessoa, indicando um estado de conhecimento insuficiente para lidar com uma determinada situação (MARTINEZ-SILVEIRA, 2007)

Sendo assim, entende-se que, uma vez que as necessidades informacionais de um indivíduo sejam manifestas, o caminho para saná-las completamente só virá após a descoberta de fontes de informação que possuam um conteúdo satisfatório nesse sentido.

De acordo com a literatura da área de Biblioteconomia e da Ciência da Informação, as fontes de informação podem ser divididas conforme sua natureza. A maioria dos autores as dividem em três categorias: Fontes primárias, secundárias e terciárias.

Para Lakatos & Marconi (2012), as fontes primárias são os documentos de pesquisa provenientes dos próprios órgãos que realizaram a observação. Elas estão presentes nos livros, artigos, relatórios, etc. Já as fontes de informação secundárias são um levantamento de toda a bibliografia já publicada, com o objetivo de auxiliar as informações primárias. As bibliografias são um exemplo desse tipo de fonte de informação.

Por fim, tem-se as fontes de informação terciárias, que podem ser compreendidas como uma coleção das fontes de informação primárias e secundárias, proporcionando ao usuário uma versão rápida e resumida da informação que ele procura. São as chamadas bibliografias de bibliografias, direcionando os usuários para as fontes de informações primárias ou secundárias, através de resumos, catálogos, guias e índices. (LAKATOS; MARCONI, 2012)

Além dessas categorias, existem ainda os suportes, que se configuram como a infraestrutura física na qual a informação fica registrada. O suporte tido como o mais

convencional até os dias de hoje é o papel. Porém, é preciso dizer que além deste existem vários outros, dos mais variados tipos: audiovisuais, iconográficos, sonoros, etc.

Lakatos e Marconi afirmam que esse suportes “não convencionais” podem encaixar-se na categoria de fontes de informação primárias, sendo assim, a fotografia será entendida no presente trabalho como uma fonte primária. (LAKATOS; MARCONI, 2012)

É importante frisar que a capacidade que uma fonte possui de sanar determinada necessidade informacional não é alterada de acordo com o suporte, porém, cada um deles possui suas próprias particularidades, o que faz com que necessitem ser analisados separadamente. (MARIZ; VIEIRA, 2015).

A partir do exposto, será realizada uma análise específica da fotografia (suporte iconográfico), como fonte de informação primária, e para que seja de fato possível considerá-la como tal, será investigado a que necessidade informacional essa ferramenta faz-se capaz de sanar (possibilitando assim com que se cumpra o requisito estabelecido por Rodrigues & Blattmann).

Contudo, antes de adentrarmos na temática em si deste capítulo, cabe a realização de um exame referente à alguns aspectos históricos da fotografia, para que se possa compreender melhor a forma com a qual essa ferramenta vem sendo percebida perante a sociedade ao longo dos anos, e garantindo assim uma melhor contextualização do tema.

2.1 Aspectos históricos da fotografia

Oficialmente, a invenção da fotografia está creditada ao pesquisador francês Louis Daguerre, que desenvolveu no ano de 1837 a primeira máquina fotográfica, a qual chamou de daguerreótipo. O equipamento produzia as imagens com o impacto negativo sobre uma superfície de prata, polida como um espelho, e exposta à luz solar direta. (BRASILIANA FOTOGRÁFICA, 2015)

O daguerreótipo era considerado relativamente grande, além de muito frágil, o que demandava cuidados especiais em relação ao modo de guardá-lo e preservá-lo. Por conta disso, na época era muito mais fácil e barato pagar alguém para pintar um quadro do que comprar o equipamento e capturar a mesma cena, dando a entender que apesar de ter sido anunciado para comercialização, o aparelho ficou limitado a um público bem rico (NEMES,

2014). Tem-se a seguir a imagem de um exemplar do daguerreótipo, para melhor visualização.

Figura 1- Daguerreótipo



Fonte: Costa Neto (2011)

Após Daguerre, diversos pesquisadores realizaram aperfeiçoamentos ao processo fotográfico. Dentre eles, podemos destacar a princípio a dupla de ingleses: Frederick Scott Archer, e Richard Leach Maddox.

Archer foi o responsável por realizar, no ano de 1851, um trabalho para melhorar a resolução das fotos através da invenção da emulsão de colódio úmida. Trata-se de uma espécie de verniz altamente fotossensível, o qual era aplicado na forma líquida às placas fotográficas.

O método propiciou uma diminuição do tempo de exposição necessário para se obter uma fotografia (que passou a ser de poucos segundos), mas continuava não sendo tão prático, uma vez que a imagem tinha que ser revelada antes da placa secar, obrigando o fotógrafo a carregar seus equipamentos sempre com ele (SCOGNAMIGLIO, 2015). Para que isso fosse possível, os fotógrafos providenciaram laboratórios móveis, como é possível visualizar na próxima imagem.

Figura 2 – Laboratório Móvel do fotógrafo J. Laurent em 1872, em Valladolid – Espanha.



Fonte: Zahumenszky (2018)

A solução para esse importuno veio por meio de Richard Maddox, no ano de 1871. O pesquisador foi o responsável por desenvolver um método de fixação das imagens utilizando uma suspensão gelatinosa, à qual conservava a emulsão fotográfica para uso após a secagem. A estratégia fez com que o processo de revelação de fotos se tornasse mais comedido, e contribuiu um pouco mais para expansão da fotografia pelo mundo. (SCOGNAMIGLIO, 2015)

Todavia, mesmo após esses avanços, a prática fotográfica ainda continuava a ser uma atividade bastante elitista. Prova disso, é que algumas pessoas só conseguiam realizar seu primeiro registro fotográfico depois de mortas. Sim, fotografar mortos tornou-se uma prática considerada comum no século XIX.

Segundo Castro, era comum haverem fotos com grupos de mortos e também de pessoas vivas sentadas fazendo poses com os cadáveres, que eram maquiados e colocados em posições parecendo estar vivos, como: em pé ao lado de familiares, sentados com pernas cruzadas em sofás, lendo livros, abraçando um ente querido, etc. (CASTRO, 2013)

Esse procedimento ficou conhecida pelo nome de “fotografia post-mortem”, e pela quantidade de fotos desse tipo disponíveis na internet, percebe-se que muitas famílias faziam questão de realizar o registro, apesar do preço elevado e do desconforto de posar ao lado de um cadáver, o que demonstra que a fotografia sempre foi uma prática muito estimada. A seguir têm-se um exemplar de uma dessas fotos, obtido durante o velório de uma jovem.

Figura 3 – Pai e mãe tiram foto ao lado de filha recém falecida



Fonte: História Digital (2014)

Porém, com o passar do tempo e a constante evolução do processo fotográfico, o costume de retratar pessoas mortas acabou sendo abandonado, pois a fotografia tornou-se consideravelmente mais popular, e com isso, a prática perdeu o sentido.

Ao mencionarmos essa popularização, um nome que não poderia deixar de ser citado é o de George Eastman, responsável pela fundação da empresa *Kodak* no ano de 1889 (QUADROS; ALMEIDA, 2018). A organização chegou a ficar conhecida como a maior empresa de fotografia do mundo, e foi a primeira a empregar filme em substituição às placas que eram utilizadas anteriormente.

Por serem pequenos e flexíveis, os filmes fotográficos proporcionaram uma verdadeira revolução das câmeras, que foram ficando cada vez menores e mais fáceis de se manusear. Além disso, em 1935 a *Kodak* lançou o *Kodachrome*, um tipo de filme com três camadas de emulsão, sensíveis à diferentes cores, permitindo finalmente a obtenção de fotos coloridas. (QUADROS; ALMEIDA, 2018)

Além dos filmes fotográficos, a empresa também investiu na produção de suas próprias câmeras, dentre as quais a primeira a ser lançada foi a “*Kodak n° 1*”, intitulada de “a primeira câmera para consumidores comuns”. O baixo custo do equipamento, alinhado a praticidade advinda dos filmes fotográficos foram os fatores que determinaram o sucesso da empresa *Kodak* na época, e corroboraram bastante com a disseminação da prática fotográfica pelo mundo. Logo adiante é possível visualizar um exemplar da câmera “*Kodak n° 1*”:

Figura 4 – Kodak n°. 1: “primeira câmera para consumidores comuns”



Fonte: Saturnino (2013)

Como foi visto, a criação da *Kodak* pôde ser considerada como uma das maiores revoluções na história da fotografia, porém, é preciso dizer que mesmo após tantos avanços ainda existiam duas grandes incomodidades envolvendo o processo fotográfico: A impossibilidade de ver as fotos assim que eram tiradas, e a quantidade limitada de fotografias a que se podia armazenar (normalmente um filme comportava no máximo 36 poses).

Essas são questões que foram resolvidas com a chegada das câmeras digitais, recurso desenvolvido pela empresa Sony no ano de 1981, e bastante utilizado até os dias de hoje. O grande diferencial dos equipamentos é que, ao invés de focalizarem a luz sobre um pedaço de filme, o fazem sobre um dispositivo semicondutor. O dispositivo é capaz de gravar a luz de forma eletrônica, e possibilita a visualização das imagens de forma instantânea. (PASCHOAL, 2015)

Além disso, outra novidade inerente às câmeras digitais foi a entrada para cartões de memória, meio que viabiliza a acomodação de uma quantidade muito maior de imagens e proporciona bastante praticidade e economia de tempo (uma vez que não é necessário trocar o filme várias vezes durante o mesmo ensaio).

No mais, o advento da fotografia digital também proporcionou a guarda de imagens em CD's, DVD's e computadores, além do envio de fotos para várias pessoas ao mesmo tempo, legitimando ainda mais a popularização da fotografia na sociedade. Logo mais, tem-se a imagem de um exemplar da câmera “*Sony Mavica*”, o primeiro modelo de câmera digital desenvolvido pela empresa *Sony*.

Figura 5 – Sony Mavica, a primeira câmera digital



Fonte: Costa Neto (2012)

No entanto, o ápice de todo esse processo veio somente alguns anos depois com a chegada dos celulares com câmera digital integrada, dentre os quais o primeiro foi o J-SH04, da Sharp, lançado no ano de 2000 (TECMUNDO, 2017). A partir daí, os celulares com câmera mostraram-se cada vez mais compactos e com custos de produção reduzidos, possibilitando com que os aparelhos fizessem (e continuam fazendo até a atualidade) um grande sucesso.

Figura 6 – Sharp J-SH04, primeiro celular com câmera integrada



Fonte: TecMundo (2017)

Por conta dessa apreciação tão grande (e cada vez maior) ao longo do tempo, a fotografia passou a ser reconhecida como um instrumento de memória. As fotos, como ferramentas que retratam a sociedade através dos anos, acabaram trazendo subsídios para a

realização de várias descobertas sobre o passado, atuando como mecanismos que enriquecem deverasmente a pesquisa histórica.

Para Le Goff, a fotografia pode ser considerada como instrumento que revoluciona a memória, pois “multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da revolução cronológica” (Le Goff, 2003, p.406).

Percebe-se então que, apesar de a fotografia não configurar-se como o primeiro aparato de resgate da memória (pois a escrita, o desenho, e as artes de um modo geral já exerciam essa função anteriormente), conseguiu ainda assim ocupar um lugar bastante notório entre os guardiões da lembrança, e vem sendo percebida pela sociedade como uma ferramenta importante, acessível, e em constante evolução.

Sabendo disso, tem-se a partir daí a análise da fotografia como fonte de informação propriamente dita. Para que isso seja possível, será iniciada no tópico seguinte uma abordagem que revele seus atributos enquanto um elemento simbólico e representacional.

2.2 A fotografia enquanto elemento simbólico e representacional

De acordo com Lifton & Olson, há uma necessidade básica no psiquismo saudável, que se relaciona-se com a vida, para além da morte dos sujeitos. Eles a chamaram de “imortalidade simbólica”, e a definiram como uma manifestação da vontade dos indivíduos em manterem continuidade com os vários elementos da vida para além do tempo e do espaço (LIFTON; OLSON, 1973, apud SOUSA, 2008)

Na área da psicologia, diz-se que esse fenômeno da imortalidade simbólica é expresso quando ocorrem tentativas de se produzir, ou de se recorrer a símbolos que foram deixados como legado por alguém do passado. Tais símbolos podem ser desde pertences pessoais, cartas, desenhos, fotografias, etc.

O homem além de encarar a sua vida como um percurso que culminará com a sua morte, acarreta uma necessidade de criar uma ligação histórica além da vida individual - desenvolver conceitos, imagens e símbolos que deem um significado às experiências pessoais, numa relação com os que já existem ou existiram e com os que virão a existir. Esse conceito de criar imagens significativas é o núcleo do conceito de imortalidade simbólica (SOUSA, 2008, p.21)

Nesse sentido, a fotografia torna-se um instrumento que pode ser compreendido como fonte de informação, a partir do momento em que leva-se em consideração a sua capacidade de sanar essa necessidade informacional que os seres humanos apresentam no momento em que passam a procurar símbolos que os façam remeter à tempos passados.

De acordo com Marchi, essa é uma necessidade que surge a partir do momento em que há uma tomada de consciência a respeito da efemeridade do ser humano enquanto sujeito histórico, pois os indivíduos percebem-se condenados pela finitude do tempo, e acaba revelando-se neles a existência de um desejo intrínseco de continuidade e perpetuação (MARCHI, 2010)

Essa herança, reitera a continuidade da presença da pessoa no mundo mesmo após a sua morte, transformando os objetos por ela deixados, em símbolos que transmitem informações a respeito de sua personalidade, sua história, sua memória, e a sociedade em que vivia, permitindo com que seja feita uma reconstrução parcial do passado.

Segundo Dias e Loureiro, não trata-se necessariamente de um projeto individual, mas também de parte do processo de socialização das famílias e grupos, no qual assume-se a procura de um sentido para a vida, inscrevendo-se tanto na esperança no futuro quanto na manutenção da cultura e dos saberes adquiridos pela espécie humana (DIAS; LOUREIRO, 2005)

Se observarmos a história do mundo, podemos ver que a criação de símbolos visando esse propósito já é um recurso utilizado desde muito tempo, nessa linha é possível citar por exemplo: os retratos dos faraós do Egito antigo, os bustos de gregos e romanos e as imagens dos reis na Idade Média.

A partir daí, tem-se a impressão de que a fotografia seria então só mais uma dessas representações. Mas o fato é que a ferramenta alcançou tanta evidência e popularidade com o passar do tempo, que acabou destacando-se dentre as demais (principalmente por conta de sua grande acessibilidade, como foi abordado no tópico anterior).

Ou seja, a acessibilidade da fotografia proporcionou com que a mesma viesse a se consagrar como um importante símbolo representativo nas sociedades, atuando também como fonte de informação, através da qual podemos compreender questões históricas e socioculturais de um povo.

Diante desse contexto, o próximo capítulo servirá para discutir de maneira mais aprofundada a contextualização da fotografia no processo de preservação da cultura, buscando analisar de forma detalhada a sua aplicabilidade nesse sentido.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA

Este capítulo tem como objetivo compreender de forma mais minuciosa o papel da fotografia no processo de preservação da cultura, abordando sua capacidade de registrar a sociedade em diferentes esferas, e trazendo reflexões acerca de seu caráter subjetivo. A discussão apoia-se nos autores Lara e Assmann, e nos conceitos de memória e patrimônio cultural.

3.1 Memória e Patrimônio Cultural

De acordo com Lara (2017, p.54), a memória pode ser entendida como “a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações”. Dessa forma, possibilita com que os indivíduos consigam compreender de maneira plena a forma com a qual acontecem as transformações econômicas, políticas e sociais em suas comunidades.

Existe, porém, uma distinção entre dois tipos de memória: a comunicativa e a cultural. Conforme Assman, a memória comunicativa, está relacionada à transmissão das lembranças provindas da vida cotidiana, expressa via oralidade em conversas informais no dia a dia. Já a memória cultural, é alusiva às recordações exteriorizadas e institucionalizadas, as quais podem ser registradas, transmitidas e reincorporadas ao longo das gerações (ASSMAN, 2013, apud BARDEN.et.al, 2013)

Percebe-se então uma relação muito íntima entre os conceitos de imortalidade simbólica, abordado no capítulo anterior, e memória cultural, pois da mesma forma que valores individuais podem ser transmitidos de uma pessoa pra outra, valores de uma geração inteira também podem perpassar para as gerações seguintes, mediante o acesso a heranças simbólicas de âmbito coletivo.

A preservação dessas heranças é o que auxilia com que uma sociedade preserve sua memória e esteja sempre mantendo vivas as suas crenças e valores. Além disso, fortalece também a individualidade e a autoestima das populações, não no intuito de promover um isolamento cultural, mas sim com o objetivo de desenvolver uma identidade própria, através da qual seus participantes enxergam o mundo. (LUCIANO, 2006)

Trata-se de um aspecto tão relevante para a vida social, que a constituição federal chega a abordar de modo específico essas heranças simbólicas, as quais denomina de

“patrimônios culturais”, dividindo-os em dois tipos: os de cunho material, e os de cunho imaterial.

Dessa forma, os patrimônios de cunho material referem-se às memórias materializadas em suportes concretos. Objetos e escrituras por exemplo são elementos que se encaixam nessa categoria. Já os ritos e as celebrações por sua vez, configuram-se como patrimônios imateriais por conta de seu caráter abstrato.

Trazendo a fotografia nesse contexto, vê-se que a ferramenta porta de um potencial informativo extraordinário, pois trata-se de um objeto composto por vários elementos, tanto concretos quanto abstratos, tornando-se então capaz de registrar manifestações culturais de ambos os tipos.

Através delas é possível conhecer por exemplo, quais os estilos de vida, gestos e ritos (cultura imaterial) presentes numa sociedade em determinado período de tempo, além de aprofundarem também a compreensão a respeito de vestuário, edificações, e objetos utilizados pelos participantes daquela comunidade (cultura material).

Desse modo, as imagens fotográficas possuem a peculiaridade de conter na sua composição a história visual de determinados universos sociais, modos de vida, agentes sociais, hábitos e costumes, gestos, comportamentos e transformações dos aspectos físicos e culturais de uma sociedade ao longo do tempo, possibilitando o aumento dos horizontes da comunicação visual, através da compreensão dos significados dos elementos gráficos presentes no cotidiano social (NOBRE; GICO, 2011, p. 115)

Além disso, pode-se perceber que o contato com fotografias antigas é algo que estimula logo de imediato uma reflexão a respeito das mudanças que aconteceram ao decorrer do tempo no ambiente retratado.

Alterações de cotidiano sofridas pela população incluindo mudanças de vestuário, transporte e habitação são questões que tornam-se bastante evidentes, além das transformações na infraestrutura do espaço como um todo, o qual modifica-se de forma contínua.

Para perceber isso, basta observar a partir de uma fotografia antiga a maneira com que certos locais foram deixando de ser frequentados pela população, ou a forma com que antigas construções foram sendo derrubadas para darem lugar a prédios modernos. São mudanças que acarretam na perda valores históricos para uma geração que muitas vezes só consegue revivê-los mediante o acesso a imagens produzidas naquele período.

Sendo assim, entende-se que essa análise da realidade que a observação de fotografias oferece, convida-nos para uma reflexão a respeito das modificações ocorridas nas sociedades

ao decorrer dos anos, e proporciona a oportunidade de realizarmos um exame minucioso de nosso passado, exercendo desta forma um papel fundamental na construção dos imaginários e das memórias relativas a história de uma civilização.

3.2 Caráter subjetivo da fotografia

Por conseguinte, apresentar a importância do artifício imagético nesse contexto levamos agora a outra questão: a subjetividade do objeto fotográfico. Trata-se de uma discussão pertinente, pois do mesmo modo que a fotografia é capaz de expor elementos subjetivos a respeito de determinada sociedade, a forma com que esses elementos serão interpretados também será influenciada pela subjetividade tanto do fotógrafo quanto do observador.

Reforçando essa premissa, Zanelato e Werba (2017, p.167) comentam que “uma imagem fotográfica é uma mensagem enviada ou recebida, desde uma cópia fiel da realidade até uma proposta artística. Em todos os casos, trata-se de produção de subjetividades ou da desconstrução dela”. Sendo assim, ao falarmos a respeito da fotografia como fonte de informação, é preciso lembrar que existem diferentes interpretações que podem ser feitas mediante uma mesma imagem.

Este fato, corrobora para que se forme uma discussão acerca do valor informativo da fotografia, que por vezes é contestado fazendo com que a mesma perca espaço principalmente em pesquisas, nas quais costuma haver uma certa predisposição ao uso de fontes de informação textuais.

Schwanz (2009, p. 1204) consente com essa linha de pensamento ao afirmar que os registros fotográficos desde sempre foram vistos com certa desconfiança por estudiosos, “que em alguns casos, continuam a utilizá-la como mero complemento do texto ou do documento escrito”, dando a entender que mesmo em situações onde as fotografias adquirem certo êxito em pesquisas, é frequente que acabem sendo consideradas apenas como anexos dos documentos, e não como fontes de informação propriamente ditas, tampouco fontes primárias.

Paiva (2002 p.17), justifica essa desconfiança ao afirmar que o contexto histórico de uma foto pode ser passado não somente pela fotografia em si, mas também pela motivação que a levou a ser produzida, pois a foto, como qualquer produção humana, está sujeita às interferências de pensamento dos indivíduos.

Ele afirma que “a iconografia [...] traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Nesse aspecto, ela é uma fonte [...] que, assim como as outras, tem de ser explorada com muito cuidado”.

Porém, assim como o próprio Paiva salienta, esta não é uma questão pertinente apenas com relação a utilização de fotografias como fonte. Inclusive, a própria mensagem escrita também pode ser interpretada de diferentes formas a depender das motivações de quem envia e de quem recebe a mensagem.

Nesse sentido, um fato que deve ser levado em consideração é que, como a escrita vem sendo utilizada como fonte de informação a mais tempo, (pois foi inventada a mais de 6 mil anos atrás, enquanto a fotografia surgiu somente no século XIX) é natural que os métodos de investigação dos documentos textuais detenham critérios mais bem definidos, tornando-os, portanto, mais facilmente interpretáveis para a maioria das pessoas.

Já no que tange a fotografia, essa é uma relação que ainda vem sendo construída, resultando dessa forma em um certo desabono quanto a eficiência de sua utilização como fonte.

No entanto, de acordo com Coelho (2012, pág. 445), essa desconfiança que existe está diminuindo progressivamente, e o motivo seria uma busca dos pesquisadores pela diversificação de seus objetos de estudo. O autor afirma que “as imagens se abrem a essa busca do novo, fazendo que exista uma empolgação com a novidade”.

Paul Otlet, um dos precursores ao uso da fotografia nesse sentido, desde 1934 (ano da primeira edição de seu livro: “Tratado de Documentação”) já admitia a necessidade de seu uso em pesquisas, propondo a imagem como base para uma nova linguagem, à qual permitiria uma assimilação mais geral, mais fácil e mais imediata do saber:

A imagem dos objetos permite que deles se forme uma ideia clara e precisa, enquanto que a melhor descrição oral pode deixar na mente do leitor algo vago e impreciso. O homem sempre buscou a imagem [...] Não seria exagero afirmar que hoje, com maior ou menor grau de perfeição, de rigor científico e gosto artístico, o conteúdo do vasto mundo acessível ao homem foi amplamente fotografado. E continua a sê-lo a tal ponto que o pensamento deve considerar a existência de uma documentação iconográfica universal (OTLET, 2018, p. 299)

Diante do exposto, podemos apreender que apesar de suscitar desconfiança e estranhamento em alguns, o valor informacional da fotografia é algo que está sendo construído ao longo dos anos, e a tendência é de que este venha a ser cada vez mais

considerado na medida em que haja uma conscientização a respeito da necessidade de seu uso como fonte de informação, e no conseqüente desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas voltadas para a sua análise enquanto objeto de estudo. É também isso que o presente trabalho pretende, ao propor a utilização de fotografias como forma de resgate aos vestígios históricos e culturais da cidade de Fortaleza no século XX.

4 METODOLOGIA

Com relação aos procedimentos metodológicos, para a realização do presente estudo foi feita uma pesquisa de natureza descritiva a partir de dados secundários. A pesquisa descritiva, conforme ressalta Gil (2008, p.28), justifica-se quando o pesquisador “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Uma vez que o trabalho promove uma descrição da população da cidade de Fortaleza (por meio das fotografias), e relaciona as informações extraídas a partir daí com a problemática envolvendo a preservação da cultura regional, este tipo de análise (descritiva) mostrou-se adequada.

Já os dados secundários, são aqueles que já foram coletados, tabulados, ordenados, e as vezes até analisados, encontrando-se disponíveis para a consulta. (MATTAR, 2005). Como a parte teórica da pesquisa foi baseada em informações obtidas mediante o acesso a artigos científicos, livros e repositórios digitais (ou seja, dados oriundos de outros estudos), e a parte da análise, baseada em fotografias disponíveis na internet (publicadas e organizadas por outras pessoas), a coleta de informações por meio de dados secundários apresentou-se como a mais razoável.

Trata-se ainda de uma pesquisa qualitativa, pois rejeitando a expressão quantitativa, numérica, os dados coletados aparecem sob a forma de anotações. Além disso, o ambiente e as pessoas nele inseridas não foram reduzidos a variáveis, mas observados como um todo. (GODOY, 1995)

Quanto ao universo pesquisado, buscou-se por fotografias que retratem a cidade de Fortaleza através de seus chamados “pontos turísticos”, dando exclusividade àquelas produzidas ao decorrer do século XX.

A preferência em analisar imagens destes locais deu-se pela intrínseca relação entre turismo e cultura, construída a partir do momento em que os itens culturais presentes em determinadas sociedades tornaram-se atrativos ao mercado turístico, proporcionando oportunidade para que diferentes populações possam expressar sua etnicidade ao mundo.

As arenas turísticas podem ser muito bem aproveitadas para o posicionamento (discursivo) das comunidades étnicas no mundo globalizado. Essas comunidades acabam muitas vezes por fazer dessas arenas os pontos de onde conseguem falar de

si ao mundo, um mundo pós-moderno que necessita cada vez mais do primitivo como contraponto estratégico. (GRÜNEWALD, 2003, p. 155)

Já com relação ao recorte temporal, foi escolhido o século XX por tratar-se de um período marcado por uma grande expansão urbana ocorrida na cidade de Fortaleza (ARAÚJO; CARLEIAL, 2001), resultando em mudanças significativas no aspecto urbano da região, e marcando a fundação de muitos dos pontos turísticos os quais conhecemos hoje.

As fotografias foram coletadas através da página do *Facebook* “Fortaleza Antiga”, e são no total de 10. Para analisá-las, fez-se uso do método iconográfico/iconológico: preceito desenvolvido por Erwin Panofsky para o estudo de obras de arte, e adaptado à análise de fotografias por Boris Kossoy.

Trata-se de um método que consiste em três níveis de análise. O primeiro, denominado de nível “pré-iconográfico” consiste em descrever uma imagem com base em seus elementos visuais, onde o significado percebido é apreendido pela simples identificação de formas físicas e objetos presentes na imagem (PANOFSKY, 2007), resultando em uma análise imediata do que é visto.

Posteriormente, na fase iconográfica, ocorre a identificação de elementos já conhecidos anteriormente pelo observador, porém, ainda sem maiores investigações acerca do conteúdo retratado.

Por fim, tem-se a fase iconológica, que consiste em uma análise mais interpretativa do objeto, na qual há uma síntese entre a iconografia, e qualquer outro método histórico, psicológico ou crítico, que possa vir a auxiliar o observador a desvendar o que está sendo retratado na obra em questão. Panofsky exemplifica sua teoria ao citar o quadro “A Última Ceia”, de Leonardo da Vinci:

Enquanto nos limitarmos à afirmar que o famoso afresco de Leonardo da Vinci mostra um grupo de treze homens em volta a uma mesa de jantar e que esse grupo de homens representa a Última Ceia, tratamos a obra de arte como tal e interpretamos suas características composicionais e iconográficas como qualificações e propriedades a ela inerentes. Mas, quando tentamos compreendê-la como um documento da personalidade de Leonardo, ou da civilização da Alta Renascença italiana, ou de uma atitude religiosa particular, tratamos a obra de arte como um sintoma de algo mais que se expressa numa variedade incontável de outros sintomas e interpretamos suas características composicionais e iconográficas como evidência mais particularizada desse “algo mais”. A descoberta e interpretação desses valores “simbólicos” (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem até diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por “iconologia”. (PANOFSKY, 2007, p. 52)

Sendo assim, pode-se observar que a iconografia e a iconologia consistem em processos que se complementam entre si, pois através da análise visual das imagens (pré-iconografia e iconografia), torna-se possível buscar uma interpretação mais aprofundada acerca de seu significado (iconologia), incluindo investigações acerca do contexto no qual a obra se insere.

Com relação a adaptação do método para análise de fotografias, o fotógrafo e historiador Boris Kossoy manteve basicamente as mesmas definições empregadas por Panofsky, porém, com o acréscimo de alguns elementos e conceitos próprios e específicos para a análise de fotografias. De acordo com ele:

A análise iconográfica corresponde à investigação da “realidade exterior”, ou seja, da segunda realidade - do documento - criada a partir do instante do clique. Por meio deste mecanismo torna-se possível a recuperação de informações preciosas para a reconstituição histórica. Já a análise iconológica corresponde à investigação da “realidade interior”, ou primeira realidade, anterior à tomada. Trata-se de desvendar a trama histórica e social da imagem, bem como avaliar sua dimensão cultural e ideológica. (KOSSOY, 2001, p. 96 apud. UNFRIED, 2014, p. 5)

Sendo assim, pode-se inferir que a pré-iconografia, e a iconografia seriam as responsáveis pela reconstituição dos elementos visíveis que compõem a fotografia - tais como objetos, paisagens e gestos - enquanto ficaria a cargo da iconologia uma minuciosa recuperação das informações codificadas (invisíveis) dentro desta imagem - tais como aspectos sociais, culturais e históricos (UNFRIED, 2014).

Diante das explicações apresentadas neste trabalho, tem-se agora a análise das fotografias. As mesmas encontram-se organizadas em ordem cronológica, conforme o indicado na página do *Facebook* “Fortaleza Antiga”.

5 FORTALEZA ANTIGA: A HISTÓRIA CONTADA PELA INTERNET

No que tange a preservação da cultura, a internet muitas vezes é tida como uma “vilã”, pois a facilidade e a rapidez com que as informações são trocadas na rede, formam um cenário de aparente efemeridade, no qual mostra-se difícil a preservação das memórias.

. No entanto, ao se observar o dinamismo presente na *web*, especialmente com relação às redes sociais, é possível perceber cada vez mais a existência de agrupamentos entre indivíduos participantes da mesma cultura, dispostos a compartilhar informações que preservem os saberes populares, corroborando assim na construção de uma memória coletiva.

É isso o que se observa a partir de um exame da página “Fortaleza Antiga”, no *Facebook*. O espaço consiste em um ambiente virtual livre para a exposição de imagens, ideias e informações que remetam à história da cidade de Fortaleza. A partir daí, aspectos culturais são apresentados às novas gerações, enquanto as antigas têm a oportunidade de relembrem e compartilhem suas experiências.

O que mais chama a atenção na página com certeza é o seu vasto acervo de imagens, que conta com fotografias retratando vários pontos da capital, proporcionando uma viagem pela história da cidade através dos anos. Por conta disso, algumas dessas imagens foram escolhidas para compor este trabalho, as quais encontram-se elencadas abaixo, seguidas da análise:

Figura 7 – Teatro José de Alencar, 1910



Análise pré-iconográfica:

É possível visualizar uma edificação cercada por uma grande aglomeração de pessoas vestidas de maneira formal, que também estão presentes no segundo andar do edifício.

Análise iconográfica:

Trata-se do Teatro José de Alencar, localizado no centro de Fortaleza. A foto data de 1910.

Análise iconológica:

A imponência do Teatro José de Alencar, e a formalidade dos visitantes informam o alto grau de importância do lugar, tido como símbolo de desenvolvimento. Ao ser colocado no centro da cidade, o teatro tem seu status de estrutura própria da civilização afirmada, ao mesmo tempo em que reforça o centro da cidade como local de progresso.

Ao traçarmos um paralelo com a situação do espaço atualmente, conforme o sugerido no capítulo 3, é possível perceber que o prédio em si não sofreu mudanças consideráveis em sua estrutura física, porém, nota-se uma redefinição de funções, tanto do edifício, quanto do centro: a do edifício, em decorrência da geração de novos espaços culturais, e a do centro, em decorrência da expansão da cidade, resultando na criação de novas áreas nobres.

A consequência foi uma grande diminuição no público do local, que amplamente reconhecido como um dos maiores patrimônios artísticos do Ceará, proporcionou ao longo dos anos o fortalecimento do nível cultural do estado, e enalteceu diversos artistas cearenses, a começar pelo escritor José de Alencar, que dá nome ao local.

Apesar disso, o teatro ainda vem se mantendo até os dias de hoje. Continua apresentando programação mensal e sendo considerado um ponto turístico importante para a cidade de Fortaleza.

Para Oswald Barroso, autor do livro “Theatro José de Alencar”, o equipamento ainda apresenta um futuro de novas possibilidades, porém, para que isso seja possível, é preciso o olhar atento das gestões públicas para o centro como um todo, que além de sediar o teatro, abriga também vários outros símbolos da cultura local (OPOVO, 2017) — dentre os quais, tem-se também a Catedral Metropolitana de Fortaleza, retratada à partir da imagem a seguir:

Figura 8 – Catedral, 1914



Fonte: Fortaleza Antiga.

Análise pré-iconográfica:

Visualiza-se uma igreja em estilo colonial, em frente a uma praça arborizada que possui postes de ferro e uma grande estátua.

Análise iconográfica:

Trata-se da Catedral Metropolitana de Fortaleza, no início do século XX.

Análise iconológica:

A partir da imagem, percebe-se que a catedral de Fortaleza tinha uma aparência bem diferente da apresentada nos dias de hoje. O prédio, que teve sua ordem de construção expedida no ano de 1746, passou por uma grande modificação em suas estruturas no ano de 1939, dando a forma que a construção tem atualmente. (INBEC, 2019)

As alterações no edifício afetaram profundamente a arquitetura da catedral, que foi do colonial ao gótico, sendo uma amostra da mudança cultural pela qual passou a nação entre o século que separou a construção e a reforma, pois não havia mais uma influência tão forte de Portugal, e sim dos países da Europa Continental, principalmente a França.

Essa modificação gerou reações controversas, pois apesar de ter afetado a forma da igreja completamente, pode ainda ser considerada um meio de conservação, uma vez que permitiu ao lugar, já consagrado para uso religioso, reafirmar através de suas estruturas

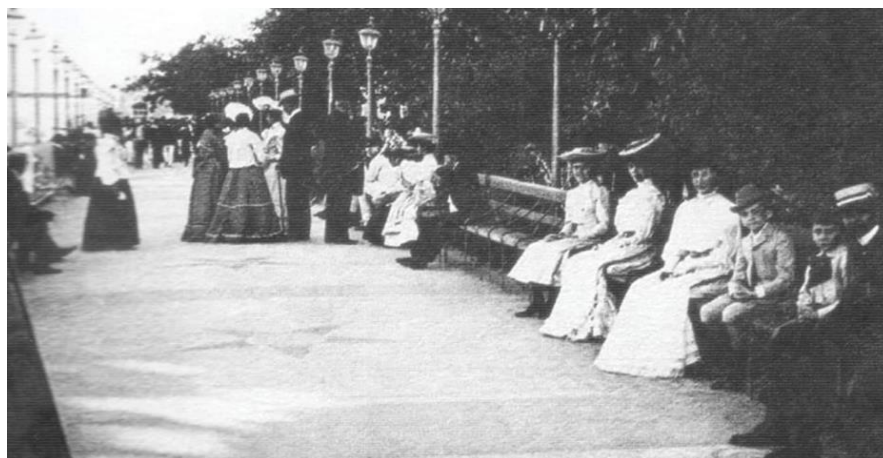
expandidas em espaço e imponência a sua finalidade diante da sociedade, sendo até hoje amplamente utilizado e reconhecido pela função religiosa.

Outra mudança que se torna evidente após o exame da fotografia, é com relação a apropriação do espaço público pelo comércio ambulante, que atualmente é uma realidade ao entorno da catedral (e em todo o centro da cidade de um modo geral).

Trata-se de uma realidade que interfere no processo de preservação do espaço, pois impõe um novo uso do mesmo (esboçado numa forma de apropriação privada de uma área pública). Nesse processo, resta lembrar que o estado adquire um papel importantíssimo, pois, conforme sua razão ordenadora, é capaz de interferir através do planejamento urbano. (DANTAS, 1997).

Dando continuidade ao estudo, a próxima imagem apresentada mostra desta vez um espaço ao ar livre, ao invés de um monumento fechado:

Figura 9 – Passeio Público, 1918.



Fonte: Fortaleza Antiga.

Análise pré-iconográfica:

Vê-se uma calçada, cercada pelos dois lados por postes de ferro e bancos. Ao lado direito é possível observar uma área densamente arborizada. Pessoas com roupas formais estão presentes ao longo da calçada, seja em pé ou sentando nos bancos.

Análise iconográfica:

O local retratado é a Praça dos Mártires, também conhecido como Passeio Público, localizada no centro de Fortaleza. A foto data de 1918.

Análise iconológica:

Trata-se da praça mais antiga da cidade, inaugurada em 1880, época em que a capital não dispunha de muitos locais voltados ao convívio comunitário. Nesse contexto, o espaço surge no intuito de cumprir com as aspirações de sociabilidade manifestas pelos cidadãos. (CASTRO, 2009)

A influência europeia na cidade pode ser percebida na estrutura da praça, através do estilo adotado na iluminação pública, e nas vestimentas das pessoas, onde vemos trajes bastante inspirados na moda francesa, com chapéus, colarinhos e vestidos largos, apesar do clima quente da região.

Tal comportamento denota um reflexo do colonialismo europeu no Brasil, e ilustra como a importação da cultura de outros países de forma irrestrita pode tornar-se desvantajosa, além de indicar também uma falta de identidade própria, conforme a citação de Luciano (2006) no capítulo três.

Ao início do século XXI, a praça passou por um período de abandono, com suas estruturas sem manutenção adequada e falta de policiamento, o que afastou os seus frequentadores, que anteriormente apareciam em grande número.

Porém, em 2007, houve uma reestruturação que permitiu a volta dos frequentadores, sendo assim um bom exemplo de ação estatal no sentido de preservar a memória da cidade através de seus espaços públicos.

Além do passeio público, existem também outras praças de extrema relevância histórica e cultural para a cidade de Fortaleza. Uma das que mais se destaca nesse sentido é com certeza a praça do Ferreira, cenário da análise a seguir:

Figura 10 – Praça do Ferreira, 1935



Fonte: Fortaleza Antiga.

Análise pré-iconográfica:

É observado uma torre do relógio, para onde se dirigem quatro largos caminhos de pedestres, que estão cercados por uma fileira de bancos de madeira, postes de ferro e árvores. É possível visualizar algumas pessoas andando próximo às construções ao fundo da foto.

Análise iconográfica:

Trata-se da Praça do Ferreira, localizada no centro da cidade. A foto data de 1935.

Análise iconológica:

A Praça do Ferreira, inaugurada em 1920, iniciou uma grande transformação na maneira como se organizava a cidade, deslocando muitos comércios e serviços para o seu entorno. Tal foi o desenvolvimento gerado a partir daí, que ela passou a ser considerada o coração da capital. (PORTAL G1, 2014). Através da foto, é possível perceber o quão o espaço era bem cuidado, muito limpo, e com árvores podadas.

O local também foi cenário de uma das mais clássicas e famosas histórias de Fortaleza, a “Vaia ao Sol”:

Um dos episódios mais conhecidos do Ceará [...] foi a vaia ao sol, no ano de 1942, na Praça do Ferreira, pois o sol não aparecia há três dias, Fortaleza enfrentou três dias nublados, então, no terceiro dia, quando o astro-rei resolveu aparecer, os que

estavam na praça promoveram uma enorme vaia, grito de deboche característico do povo cearense. (COSTA, 2015, p.23)

Na época, o ato inesperado foi sabido por boa parte da pequena população fortalezense, e hoje é tido como uma prova de que a verve cômica do cearense é algo que já vem sendo construído há bastante tempo.

Além disso, a praça foi também o local do maior movimento literário cearense, a Padaria Espiritual; de protestos políticos em diversos momentos históricos; e da boemia que movimentava a noite de Fortaleza.

Porém, com a expansão da cidade, muitas das atividades comerciais que caracterizavam o lugar ganharam uma concorrência através do comércio descentralizado nos bairros, diminuindo a visibilidade do centro e conseqüentemente do símbolo que a praça representa.

Atualmente, a violência e a mendicância são uma realidade no local, (que já não se encontra mais tão limpo como na foto), assim como em boa parte da cidade, demonstrando que, de certa forma, o espaço continua sendo representativa da situação em que se encontra Fortaleza, seja de maneira positiva ou negativa.

Porém, apesar da situação da praça não ser das mais favoráveis, o espaço ainda segue sendo palco de algumas manifestações artísticas e culturais de dança, música, artesanato, entre outras. Além disso, ainda existem em seu entorno a presença de alguns estabelecimentos atrativos para a população, dentre os quais destaca-se o Cine São Luiz, retratado na próxima imagem.

Figura 11 – Cine São Luiz, 1958



Fonte: Fortaleza Antiga.

Análise pré-iconográfica:

Observa-se a fachada de um prédio, sendo o seu primeiro andar feito com azulejo negro e o segundo andar pintado de branco, onde é possível ver um letreiro luminoso, em que se destaca o nome São Luiz. Uma fila de pessoas vestidas de maneira formal se organiza diante da porta.

Análise iconográfica:

Trata-se do Cine São Luiz na semana de sua inauguração, em 1958.

Análise iconológica:

Após sua inauguração, retratada na imagem em pauta, o cine São Luiz logo tornou-se um importante lugar de lazer, sendo marco da transição do teatro para o cinema como forma mais popular de assistir encenações.

A popularização do cinema na capital, proporcionou com que a população passasse a ter um maior contato com culturas estrangeiras, por meio dos filmes, e além da cultura europeia, já bem difundida entre os cidadãos da cidade, houve também uma grande convergência à cultura norte-americana.

Segundo o professor de história Erick Assis em entrevista ao Diário do Nordeste, a influência norte-americana era algo que podia ser percebido nos hábitos e costumes dos

fortalezenses, de modo a significar uma tradução cultural do estilo de vida norte-americano. Com isso, setores da cidade de Fortaleza tentavam respirar um certo glamour. Inclusive algumas casas, no bairro da Aldeota, foram projetadas na tentativa de incorporar a arquitetura da mansão do filme "E o Vento Levou". (ASSIS, 2012)

Outro aspecto que merece destaque são os trajes formais adotados pelos frequentadores, indicando tratar-se de um espaço elitizado, e destoando da atual proposta do local, que ao ser comprado pelo estado no ano de 2014, abriu suas portas gratuitamente ao público e abriga diversos projetos cinematográficos, dando destaque a divulgação do cinema cearense e nordestino.

O prédio também passou por uma grande reforma, mas que procurou manter suas características originais, como é possível perceber caso seja realizada uma comparação entre sua fachada atual, e a fachada a exibida na foto de 1958.

Essa preocupação em conservar a arquitetura do edifício é algo que emociona muitas pessoas, principalmente aquelas que tiveram a oportunidade de frequentá-lo no século passado, pois sentem-se como se estivessem voltando no tempo. A manutenção da cultura a partir daí, vem decorrente do sentimento de nostalgia, que gera uma conexão social, e reafirmação da identidade por parte do indivíduo. (LEONARDI, 2016)

Esse sentimento relaciona-se bastante com a imortalidade simbólica, citada no capítulo 3, pois o indivíduo entende o local como um símbolo de uma época já findada, e se utiliza dele como forma de exercer uma ligação histórica com o período.

Adiante com a análise, tem-se agora uma imagem que ilustra o Forte de Nossa Senhora da Assunção, marco zero da cidade de Fortaleza:

Figura 12 – Forte de Nossa Senhora da Assunção, 1962



Fonte: Fortaleza Antiga.

Análise pré-iconográfica:

É possível observar um grande muro de madeira, que possui uma torre de vigilância em sua extremidade. Ele é cercado por prédios ao fundo e um descampado na frente, onde um grupo de pessoas se aglomera.

Análise iconográfica:

Trata-se do forte de Nossa Senhora da Assunção, construído no ano de 1649, pelos holandeses durante o período em que eles ocuparam o Nordeste. A foto data de 1962.

Análise iconológica:

Tendo passado por várias reformas, modificações e até mesmo completas reconstruções, o forte de Nossa Senhora da Assunção sempre manteve notoriedade na região, vindo a ser a origem do nome da cidade, que cresceu no seu entorno.

Até os dias de hoje o lugar conserva sua função militar, pois abriga a sede da 10ª região militar de Fortaleza, a qual ajuda na conservação do prédio, que diferentemente do visto na foto, é constituído atualmente por pedra, cal e tijolo. O local também foi expandido, e nos dias atuais ocupa todo o espaço onde, na foto, é possível observar uma aglomeração de pessoas.

Sua posição de destaque justifica-se também por conta de sua localização, a qual dá-se em uma área de bastante movimento, porém, o forte em si já não concentra tanta atratividade turística por conta de suas atividades militares, que são restritivas ao pleno acesso de pessoas dentro da construção.

No entanto, existem sim alguns locais em seu interior que são livres para a circulação de visitantes, que por sua vez contam com passeios guiados para fortalezenses e turistas conhecerem mais sobre a história da capital. Personalidades históricas como o General Antônio de Sampaio e Martins Soares Moreno estão homenageados no local, numa interessante tentativa de resgate da história. (PREFEITURA DE FORTALEZA, [200-?])

Indo adiante com o estudo, e tirando um pouco o foco do centro da cidade, será analisado agora um cenário de praia: um dos principais incentivos ao turismo de Fortaleza.

Figura 13 – Praia Beira-Mar, década de 60



Fonte: Fortaleza Antiga.

Análise pré - iconográfica:

Trata-se de uma praia, onde nota-se um agrupamento de pessoas espalhadas ao longo da orla em atividade de recreação. Percebe-se nessa foto as poucas edificações presentes no local, e significativa presença de vegetação.

Análise iconográfica:

Trata-se da praia Beira-Mar, localizada no bairro Meireles, na segunda metade da década de 60.

Análise iconológica:

A foto demonstra a popularização do hábito de ir à praia, fato que gradualmente ocasionou em uma maior urbanização do litoral fortalezense. O impacto das mudanças estruturais na orla, consistiu na retirada da população que residia próxima ao local, no intuito de possibilitar a construção de condomínios e hotéis de alto padrão.

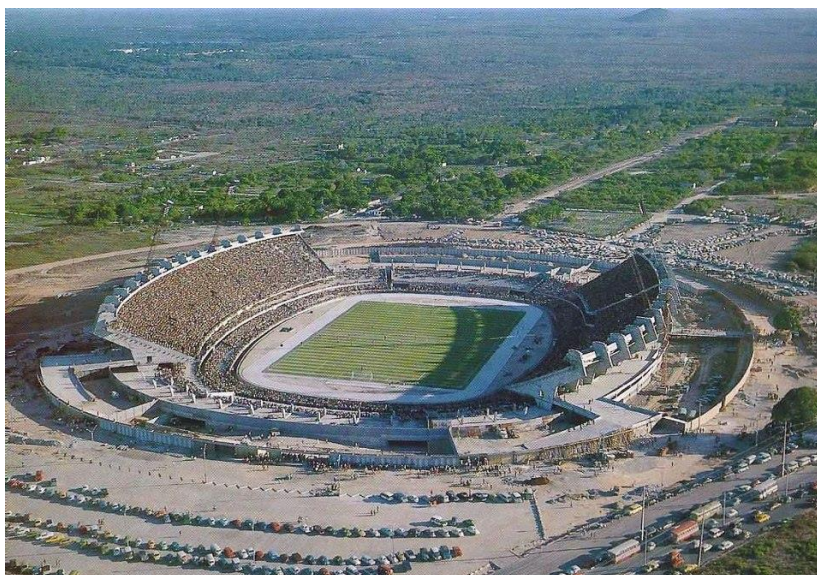
Em decorrência disso, tem-se uma elitização do espaço, que passa a ser considerado um bairro nobre, ocasionando um efeito duplo sobre a preservação da região: ratificação do espaço como um local de uso para o lazer, mas o fim do uso para habitação das populações que ali viviam.

Ao compararmos a paisagem do passado com a atual, é possível perceber de imediato a perda do hábito de levar guarda-sol para a praia, tendo em vista que atualmente, as várias barracas de praia que fomentam o comércio na região já oferecem o utensílio. Além disso, o número de vendedores ambulantes nas areias também aumentou bastante.

Estes fatos, apesar de incentivarem o uso do espaço, resultaram também em dificuldades na preservação do meio ambiente, ocasionado uma diminuição da vegetação e o aumento na poluição sonora, e das águas.

Além da praia, outro elemento bastante significativo para a cultura do Fortalezense é o esporte, especialmente o futebol. A prática possui como um de seus maiores símbolos no estado a arena castelão, monumento que será analisado a partir da próxima imagem.

Figura 14 – Arena Castelão, 1973.



Fonte: Fortaleza Antiga.

Análise pré-iconográfica:

Visualiza-se uma arena esportiva com um grande número de pessoas em seu interior, localizado ao sul de uma grande área arborizada, e ao norte de um estacionamento repleto de carros e uma avenida movimentada.

Análise iconográfica:

Trata-se do estádio de futebol Governador Plácido Castelo, mais conhecido como Arena Castelão, no ano de 1973.

Análise iconológica:

O castelão configura-se como o maior estádio de futebol do Ceará. Sua grande capacidade demonstra o crescimento da prática esportiva no estado, capaz de envolver um número cada vez maior de torcedores.

O local já foi cenário de vários eventos esportivos e culturais, como jogos da seleção brasileira, e a recepção ao Papa João Paulo II em 1980, além de ter sediado também diversas apresentações musicais, e até hoje mantém a sua posição de principal estádio do estado, com o número de frequentadores crescendo conforme a capacidade do estádio é ampliada.

O grande evento que marcou sua história foi a copa do mundo de 2014, a qual possibilitou uma significativa reforma em suas estruturas, adaptando-as aos padrões

internacionais, sendo a mudança mais notável a instalação de uma cobertura, proporcionando maior conforto térmico.

Essas mudanças na estrutura do local, para que a arena pudesse se adaptar a regras estabelecidas internacionalmente, fazem alusão à fala de Luciano (2006) no quarto capítulo deste estudo, quando o mesmo afirma que a valorização da cultura não significa promover um isolamento com relação ao resto do mundo.

O que também chama bastante a atenção na foto, é a presença da vegetação no entorno do estádio, a qual diminuiu consideravelmente com o passar do tempo, dando lugar a várias construções.

Esse fenômeno de diminuição da área verde foi algo que acometeu toda a cidade na medida em que a população aumentava, demandando novos espaços residenciais. Como consequência, tem-se que atualmente as áreas verdes espalhadas pela capital ocupam apenas 6,7% do território da cidade (DIÁRIO DO NORDESTE, 2017), sendo a maior parte delas localizadas no parque do Cocó - local retratado a seguir:

Figura 15 – Parque do Cocó, década de 80



Fonte: Fortaleza Antiga.

Análise pré-iconográfica:

Observa-se um grande campo aberto, que possui algumas estruturas, destacando-se uma rua para pedestres. O local é cercado pela esquerda por uma área bem arborizada, e pela direita por pequenos prédios e residências.

Análise iconográfica:

Trata-se do Parque do Cocó, na década de 80.

Análise iconológica:

Nota-se que no ano em que foi tirada a fotografia, o local ainda não possuía o Rio Cocó como área protegida no seu interior, assim como boa parte das terras que viriam a integrar o parque a partir dos anos seguintes. A iniciativa de ampliar uma área de preservação mostra o crescimento da consciência ambiental na população de Fortaleza, assim como a expansão do poder dos grupos de pressão ligados a causa ambiental.

Como citado na análise anterior, este cenário explica-se diante do crescimento da cidade, e da diminuição das áreas verdes disponíveis para o lazer, sendo do interesse dos frequentadores que o parque permaneça como está, apesar da pressão mediante a expansão do mercado imobiliário na região.

Além disso, o local também promove eventos, dentre os quais: aulas de campo, trilhas ecológicas e atividades físicas, estimulando a qualidade de vida e o conhecimento a respeito de biomas e recursos naturais do Ceará.

A partir daí, é muito interessante analisar que, apesar dos conceitos de cultura e natureza serem ditos por algumas vertentes da antropologia como sendo opostos (SÜSSEKIND, 2018), percebem-se um dualismo entre ambos, pois todo o patrimônio cultural se configura e se desenvolve mediante suas relações com o ambiente. Sendo assim, a educação ambiental pode contribuir para avivar a consciência do valor cultural e simbólico de distintos bens. De acordo com Pelegrini (2006, p.125):

A educação nesse campo deve iniciar-se pela percepção direta de que o patrimônio não se restringe somente aos bens culturais móveis e imóveis representativos da memória nacional, como monumentos, igrejas ou edifícios públicos. Pelo contrário, o conceito de patrimônio cultural é muito mais amplo, não se circunscreve aos bens materiais ou às produções humanas, ele abarca o meio ambiente e a natureza, e ainda se faz presente em inúmeras formas de manifestações culturais intangíveis.

Nesse sentido, o parque adquire um papel importante, pois ao divulgar o conhecimento referente à biodiversidade da região, estreita as relações do indivíduo com o ambiente, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o propósito de preservação do meio em que habita.

Por conseguinte, tem-se a abaixo a última foto referente à esta análise, desta vez retratando um monumento bastante significativo para o comércio da cidade de Fortaleza.

Figura 16 – Mercado Central, 1998



Fonte: Fortaleza Antiga.

Análise pré-iconográfica:

É possível ver uma grande estrutura ainda em construção, cercada por tapumes, e abaixo de um guindaste. Aparenta tratar-se de uma área pouco movimentada, pela pouca circulação de pedestres, e ausência de carros na pista.

Análise iconográfica:

Trata-se do Mercado Central de Fortaleza em fase de reforma, no ano de 1998.

Análise iconológica:

O mercado central, criado no início século 19, é um local que tinha como função ser o grande centro comercial da cidade de Fortaleza para produtos alimentícios do cotidiano. No início do século 20, o uso do espaço foi modificado, passando a focar em bens duráveis e artesanais, permanecendo assim até os dias de hoje. (SITE DO MERCADO CENTRAL DE FORTALEZA, [200?])

A foto em questão retrata a fase de construção da atual estrutura do mercado a qual deu-se nos anos 90. A partir da renovação do ambiente, o local tornou-se um ponto turístico importante, sendo um “tipo ideal” de mercado local, onde as pessoas vão para poder encontrar produtos típicos do Nordeste e do Ceará.

A partir daí, é possível realizar uma reflexão a respeito da história do Mercado, onde torna-se perceptível a sua importância para os campos da economia e da cultura de Fortaleza, pois se um dia o local foi considerado somente centro econômico de comércio, hoje constitui-se também como um objeto da história, que foi se reinventando até tornar-se referência na divulgação da cultura regional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi realizada no intuito de analisar a fotografia como fonte de informação, e como ferramenta de preservação cultural na cidade de Fortaleza. A partir do referencial teórico, foi possível compreender que a fotografia é capaz de atuar como fonte de informação ao servir de subsídio para a construção de imaginários a respeito da história de uma civilização, expondo questões sociais e culturais a partir da observação de fatores tanto concretos e quanto abstratos.

Já com relação a análise, verificou-se que o exame das imagens selecionadas foi capaz de fornecer e incitar a busca por diversas informações, que permitiram identificar aspectos cotidianos da vida dos cidadãos de Fortaleza ao decorrer do século XX, e de fomentarem também a reflexão quanto as mudanças ocorridas na cidade com o passar do tempo.

Dentre os aspectos que puderam ser observados por meio das fotografias, mostram-se o gosto pela vida ao ar livre, que ao início do século é percebido através da convivência em praças, e ao final dele estendeu-se também à praia e ao parque; a popularização e a introdução de novas formas de lazer, indo desde as artes cênicas até o esporte; e a conservação da religiosidade e do comércio como fatores de grande relevância para a cidade (e por conseguinte, para a vida dos cidadãos).

É importante salientar que toda a narrativa foi construída tendo por base os elementos observados nas fotografias, garantindo a elas o protagonismo da pesquisa.

Sendo assim, foi possível perceber na prática que a fotografia configura um meio eficaz em promover a preservação da cultura, pois mesmo que os hábitos culturais de determinada localidade deixem de existir, e os vestígios da cultura em forma de patrimônios sejam destruídos ou completamente modificados, ainda assim, o instrumento faz-se capaz de perpetuar em si um registro para a posteridade.

Além disso, as fotografias atuam também como meios para que outras medidas de conservação da cultura apareçam, através do relato que serve como base para comparações entre o passado e o presente, permitindo considerações e debates sobre o tema, e estimulando os cidadãos para que se aprofundem nesse tipo de reflexão.

No mais, foi possível observar também a maneira com que as estruturas da cidade foram preservadas, restauradas, reformadas e construídas, tendo por meio de tal visão, uma abertura para o diálogo acerca do cuidado com os espaços da cidade.

Trata-se de uma discussão pertinente no âmbito da biblioteconomia, uma vez que o bibliotecário, como agente cultural, tem por função contribuir com o registro, a preservação e a disseminação do conhecimento cultural nas sociedades.

Utilizar a fotografia como forma de alcançar esse desígnio, constitui um meio de preponderar as objeções encontradas na expressão de imaginários culturais por meio verbal e escrito, além de possibilitarem também uma ampliação do objeto de trabalho do bibliotecário, muitas vezes restrito apenas aos livros.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luciana. **A importância do tratamento intelectual das fotografias visando à recuperação da imagem**. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ARAÚJO, Ana Maria Matos; CARLEIAL, Adelita Neto. O processo de metropolização em Fortaleza: uma interpretação pela migração. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, vol. 5, p. 73-84, 2001.
- ASSIS, Erick. Ceará foi marcado pela II guerra. [entrevista cedida a] Thiago Rocha. **Diário do Nordeste**, 2012. Disponível em:
<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/ceara-foi-marcado-pela-ii-guerra-1.614182>>. Acesso em 04 de outubro de 2019.
- BARDEN, Júlia Elisabete [et.al]. Memória Cultural na Construção das Identidades e Mapas Imaginários de Práticas Culturais Étnicas. **Cadernos de Estudos Culturais**. Campo Grande, v. 5, n. 10, p.186-208, 2013.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988, atualizada até a Emenda Constitucional nº 39, de 19 de dezembro de 2002. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- BRASILIANA FOTOGRAFICA. **Os 180 anos da invenção do daguerreótipo – Os álbuns da Comissão Geológica do Império com fotografias de Marc Ferrez**. Disponível em:
<<http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=daguerreotipo>>. Acesso em 01 de maio de 2019.
- CASTRO, Dayane. **O que é Post-Mortem?**. 2013. Disponível em:
<<http://pmhomenagem.blogspot.com/2013/09/o-que-e-post-mortem.html>> Acesso em 10 de maio de 2019.
- CASTRO, José Liberal de. Passeio Público: espaços, estatuária e lazer. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, p.42-114, 2009.
- COELHO, Thiago da Silva. A imagem como fonte histórica: enigmas e abordagens. **Cad. Pesq. CDHIS**, Uberlândia, v.25, p. 443-452, julho/dezembro, 2012
- COSTA, Juliana Araújo. **Riso, humor e molecagem cearense: políticas de incentivo e valorização à cultura humorística**. 2015. 63 f. Monografia (Especialização em Gestão Pública) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Fortaleza, 2015.
- COSTA NETO, Cid. **Máquina do tempo: Daguerreótipo**, 2011. Disponível em:
<<http://www.resumofotografico.com/2011/09/maquina-do-tempo-daguerreotipo.html>> Acesso em 20 de maio de 2019.
- COSTA NETO, Cid. **Máquina do tempo: Sony Mavica**, 2012. Disponível em:
<<http://www.resumofotografico.com/2012/03/maquina-do-tempo-sony-mavica.html>> Acesso em 20 de maio de 2019.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. A cidade e o comércio ambulante: o caso de Fortaleza em evidência. **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo, n.11, p.188-210, 1997.

DIAS, Carlos Amaral; LOUREIRO, Luis Manuel Jesus. Sentimento de imortalidade simbólica e ansiedade perante a morte em toxicodependentes. **População e Sociedade**, Porto. n.12, p.123-132, 2005.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Fortaleza tem apenas 6,7% de áreas verdes**, 2017. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/fortaleza-tem-apenas-6-7-de-areas-verdes-1.1862800>> Acesso em 05 de setembro de 2019.

DOURADO, Flávia. **Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro**, 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>. Acesso em 2 de junho de 2019.

FORTALEZA ANTIGA. **Castelão, 1973**. Fortaleza, 26 set. 2019. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10211512856615321&set=gm.3002590466424780&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

_____. **Catedral, 1914**. Fortaleza, 28 fev. 2019. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=974327175950369&set=gm.1309512852399225&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

_____. **Cine São Luiz, 1958**. Fortaleza, 16 mar. 2016. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1168901383129679&set=gm.1322751934408650&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

_____. **Forte de Nossa Senhora da Assunção, 1962**. Fortaleza, 30 ago. 2019. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2867547329923327&set=gm.2948372331846594&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

_____. **Mercado Central, 1933**. Fortaleza, 07 jan. 2016. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=952128271533592&set=gm.1276496635700847&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

_____. **Parque do Cocó, 1980**. Fortaleza, 23 nov. 2018. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1930176147100249&set=gm.2473204226030076&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

_____. **Passeio Público, 1918**. Fortaleza, 08 out. 2019. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10211764988839707&set=gm.30275858972585>>

70&type=3&theater&ifg=1> Acesso em: 01 de setembro de 2019.

_____. **Praça do Ferreira, 1933.** Fortaleza, 16 nov. 2017. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2102361939995740&set=gm.1965390690144768&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

_____. **Praia Beira-Mar, década de 60.** Fortaleza, 08 jun. 2016. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1351042011592631&set=gm.1389033724447137&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

_____. **Teatro José de Alencar, 1910.** Fortaleza, 16 ago. 2019. Facebook: <https://www.facebook.com/groups/Fortalezantigaoficial/>. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=663658110819657&set=gm.2922977544386073&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social:** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresa**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e Etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n.20, p. 149-159, outubro. 2003

HISTÓRIA DIGITAL. **35 fotos post mortem [feitas após a morte]**, 2014. Disponível em: <<https://historiadigital.org/curiosidades/35-fotos-post-mortem-feitas-apos-a-morte/>> Acesso em 10 de maio de 2019.

INBEC. **Conheça a história da catedral metropolitana de Fortaleza, monumento histórico de imponente arquitetura neogótica**, 2019. Disponível em: <<https://inbec.com.br/blog/conheca-historia-catedral-metropolitana-fortaleza-monumento-historico-imponente-arquitetura-neogotica>>. Acesso em 13 de setembro de 2019.

LARA, Camila de Brito Quadros. **A importância da memória para a construção da identidade: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourado/MS.** Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5 ed. Campinas: UNICAMP. 2003.

LEONARDI. **Nostalgia faz bem**, 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/nostalgia-faz-bem/>> Acesso em

LOPES, William. Passeio Público é lugar de memória da nossa cidade. [entrevista cedida a] Melissa Carvalho. **Jornalismonic**, 2017. Disponível em: <<http://portaldonic.com.br/jornalismo/2017/12/06/passeio-publico-e-lugar-de-memoria-da>

nossa-cidade/>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; Rio de Janeiro: LACED/Museu Nacional, 2006.

MARCHI, Darlan De Mamann. **Memória e patrimônio: por que preservar?**. 2010. Disponível em: <<https://patrimoniojovem.wordpress.com/2010/08/05/memoria-e-patrimonio-por-que-preservar/>> Acesso em 23 de maio de 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARIZ, Anna Carla Almeida; VIEIRA, Thiago de Oliveira. A construção da noção de documentos especiais na Arquivologia. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n.9, p.287-302, 2015.

MARTINEZ-SILVEIRA, Martha. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, Brasília, v.36, n.1, p. 118-127, maio/agosto. 2007.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

NEMES, Ana. **175 anos de fotografia: conheça a história dessa forma de arte**, 2014. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/fotografia-e-design/60982-175-anos-fotografia-conheca-historia-dessa-forma-arte.htm>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

NOBRE, Itamar de Moraes; GICO, Vânia de Vasconcelos. Imagem fotográfica, cultura e sociedade. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.7, n.10, p.107-126, janeiro/junho. 2011.

OPOVO. **José de Alencar teatro-monumento**, 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/08/jose-de-alencar-teatro-monumento.html>> . Acesso em 7 de setembro de 2019.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 2018.

PAIVA, E. F. **História e imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PASCHOAL, Mariana. **Conheça a história da câmera fotográfica digital**, 2015. Disponível em: <<https://blog.emania.com.br/conheca-a-historia-da-camera-fotografica-digital/>> Acesso em 14 de maio de 2019.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 115-140, 2006.

PORTAL G1. **Saiba mais sobre a Praça do Ferreira, lugar de ' todos os fortalezenses'**, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/03/saiba-mais-sobre-praca-do-ferreira-lugar-de-de-todos-os-fortalezenses.html>> Acesso em 30 de setembro de 2019.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Arte e Cultura**, [200?]. Disponível em: <<https://turismo.fortaleza.ce.gov.br/pontos-tur%C3%ADsticos/arte-e-cultura.html>> Acesso em 05 de novembro de 2019.

QUADROS, Thiago; ALMEIDA, Rodolfo. **A história da fotografia analógica, contada pelas suas técnicas**, 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2018/01/22/A-hist%C3%B3ria-da-fotografia-anal%C3%B3gica-contada-pelas-suas-t%C3%A9cnicas>>. Acesso em 12 de maio de 2019.

RODRIGUES, Charles; BLATTMANN, Ursula. Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, n.3, p.4-29, julho/setembro. 2014

SATURNINO, Letícia. **Fotos incríveis tiradas com a kodak 1, a primeira câmera popular, há 125 anos**, 2013. Disponível em: <<https://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2013/10/06/fotos-incriveis-tiradas-com-a-kodak-1-a-primeira-camera-popular-ha-125-anos/>> Acesso em 12 de maio de 2019.

SCHWANZ, Angélica Kohls. A imagem como fonte de pesquisa: o dito e o não dito na fotografia. In: **II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**, 2009, Londrina. Anais...Londrina: UEL, 2009. p. 1204-1213.

SCOGNAMIGLIO, Heloisa. **A evolução da fotografia: do daguerreótipo à selfie**, 2015. Disponível em: <<http://www.jornaljr.com.br/2015/11/16/a-evolucao-da-fotografia-do-daguerreotipo-a-selfie/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

SÜSSEKIND, Felipe. Natureza e Cultura: Sentidos da diversidade. **Interseções**, v. 20, n.1, p. 236-254, junho. 2018.

MERCADO CENTRAL DE FORTALEZA. **História**, [200?]. Disponível em <<https://mercadocentraldefortaleza.com/historia/>> Acesso em 10 de novembro de 2019.

SOUSA, Nuno Ferreira Cristiano de. **A relação entre e o sentido de imortalidade simbólica e a depressão**. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2008.

TECMUNDO. **Primeiro celular com câmera do mundo foi 'gambiarra' feita há 20 anos**, 2017. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/celular/117707-primeiro-celular-camera-mundo-gambiarra-feita-ha-20-anos.htm>> Acesso em 22 de junho de 2019.

UNESCO. **Patrimônio cultural imaterial**, 2017. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>> Acesso em 7 de junho de 2019.

UNFRIED, Rosana Aparecida Reineri. O uso da iconografia e da iconologia para a análise de fotografias e recuperação da história de Londrina. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em**

Comunicação e Imagem-ENCOI, 2014, Londrina. Anais... Londrina: UEL, 2014.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: exemplo do Centro de Memória da UNICAMP In: FARIA FILHO, Luciano Mendes(Org). **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias questões para a história da educação**. Campinas-SP: Autores Associados, 2000. p. 63-74.

ZAHUMENSZKY, Carlos. **Por qué algunos tatuajes simplemente desaparecían de la piel en las primeras fotografías del siglo XIX**, 2018. Disponível em: <<https://es.gizmodo.com/por-que-algunos-tatuajes-simplemente-desaparecian-de-la-1827477105>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

ZANELATO; WERBA. Psicologia e fotografia: a subjetividade como protagonista da imagem. **Revista Diálogo**, Canoas, n. 36, p.157-168, dezembro. 2017.